

3

FATORES DIFICULTADORES DA LEITURA LIGADOS AO TEXTO

Decodificação de sinais gráficos, uso dos conhecimentos prévios do leitor, aspectos afetivos, marcas textuais, são variáveis que envolvem fatores reais e empíricos tanto quanto construtos teóricos que influenciam a inteligibilidade e compreensão do texto. Destarte, é importante entender o que significam os conceitos de inteligibilidade e legibilidade.

3.1

Legibilidade e inteligibilidade

Primeiramente, cumpre entender o que significam legibilidade e inteligibilidade do texto. Tarefa pouco simples dada a profusão de usos desses termos, contudo com valores semânticos distintos.

Nos estudos situados na engenharia humana (Human Factors) ou ergonomia, Joseph busca as definições de legibilidade e inteligibilidade no conceituado livro *Human Factor in Engineering and Design* editado por Sanders.

Legibilidade ou discriminabilidade refere-se ao atributo "de caracteres alfabéticos que torna possível para cada um deles ser identificável em relação aos outros" (Sanders 1993 apud Joseph et ali. S.d.: p.1).

Inteligibilidade indica uma "qualidade que torna possível o reconhecimento do conteúdo da informação do material quando é representada por caracteres alfanuméricos em agrupamentos significativos, tais como palavras, frases ou texto contínuo" (Sanders 1993 apud Joseph et ali. S.d.: p.1)

Sanders, consultor e professor de design gráfico, teceu definições claras que se comunicam com outras áreas que investigam a linguagem. Todavia, o termo legibilidade tem sido comumente utilizado na acepção de readability. Em meio ao intercâmbio entre esses termos, Finatto (2011,p.3) parece não fazer nenhuma distinção entre readability e legibilidade.

Por outro lado, há, na bibliografia estrangeira, registros de pesquisas sobre readability ou legibilidade ou complexidade lingüística pelo menos desde os anos 1920, conforme já assinalaram Davison e Green (1988, p.1-4).

Leffa, a seu turno, conceitua inteligibilidade como a ``qualidade de um texto quanto a sua capacidade de proporcionar facilidade de compreensão`` (1996, p.89).

Barbosa e Nunes capturam cuidadosamente os diferentes sentidos atribuídos ao termo legibilidade:

O termo inteligibilidade tem sido usado de três formas: 1) para indicar legibilidade de escritos manuais ou tipográficos; 2) para indicar facilidade de leitura conforme o valor/interesse ou agradabilidade de leitura; 3) para indicar o fácil entendimento ou compreensão devido ao estilo de escrever. (2007, p.23)

Dubay parecia ter proposto um fim para essa miscelânea ao tomar esses termos em acepções distintas ``readability is what makes some texts easier to read than others. It is often confused with legibility, which concerns typeface and layout``²⁴ (2004, p.7). A partir daí, a tendência em várias publicações foi a de usar o termo inteligibilidade (em inglês, readability) para discutir a maior ou menor facilidade de compreensão de um texto.

Todavia, a confusão reacendeu quando introduziram o neologismo leiturabilidade no português tanto do Brasil quanto no de Portugal. Na literatura nacional, encontra-se o neologismo leiturabilidade (no inglês – readability) sendo usado para se referir a caracteres e à tipografia do texto e à facilidade de leitura, ou seja, nas acepções de legibilidade.

Lima (2007, p.37) assim define leiturabilidade em sua dissertação no curso de Artes e Design:

²⁴ Inteligibilidade é o que torna alguns textos mais fáceis de ler do que outros. É frequentemente confundido com legibilidade, o qual concerne à tipografia e ao layout. (Tradução da Autora)

(...) consideraremos nesta pesquisa como elementos de legibilidade os relativos tipografia e layout das bulas. Todos os demais que influenciem na facilidade ou interesse dos pacientes em lerem e compreenderem as bulas, farão parte do campo da leiturabilidade.

Observa-se, contudo, que quando se sai do campo do design gráfico, a leiturabilidade volta a se mesclar com a legibilidade. Resende e Souza (2011, p.3), pesquisadoras da atividade tradutória e leitura na área de psicolinguística, nos trazem novos sentidos.

Por legibilidade, compreendem-se os elementos e recursos que o próprio texto, em sua materialidade, oferece ao leitor. Trata-se da construção textual, da clareza, da coesão, do desenvolvimento e sustentação do proposto, da manutenção e respeito à função, ao público, ao veículo e aos objetivos da materialização textual verbal. A legibilidade envolve ainda aspectos físicos do texto, a exemplo das fontes escolhidas, dos espaçamentos e margens, das imagens e cores e da qualidade de impressão.

A leiturabilidade, a seu turno, se refere àquilo que o ato da leitura envolve, contemplando principalmente a função do leitor, sua competência na atividade, suas características, seus conhecimentos, seus objetivos e sua experiência. Todos estes elementos delineiam a compreensão do texto e o processo de criação de sentidos. Na atividade de leitura, o leitor se depara com o texto, enfrenta-o, orquestra-o, dando voz àquilo que ainda é silêncio.

Adriana Maximino (S.d.: p.1), também pesquisadora na área de tradução, discorda das autoras anteriores.

O conjunto de características que compõe uma leitura fluente tem sido nomeado leiturabilidade. Este termo, baseado no inglês, *readability*, é, segundo Puurtinen (2003: p.3), “[...] normally defined as comprehensibility or ease of reading determined by the degree of linguistic difficulty of the text²⁵”.

Depreende-se que no campo de Artes e Design gráfico, a leiturabilidade é conceitualmente mais abrangente, pois a legibilidade é considerada um fator da leiturabilidade, já que o design e a estrutura são considerados elementos constituintes para que um texto seja compreensível.

Nesta pesquisa adotei a distinção feita por Kleiman, na qual a inteligibilidade abrange aspectos do texto e do leitor. Os aspectos do texto, em especial, abrigam a contribuição de pesquisadores em Linguística Computacional no que tange à simplificação textual. Veremos adiante que foi a preocupação com inteligibilidade e simplificação textual que levou pesquisadores a adaptarem

²⁵ Normalmente traduzida como compreensibilidade ou facilidade da leitura determinada pelo grau de dificuldade linguística do texto. (Tradução da Autora)

algumas métricas do Coh-Metrix, ferramenta desenvolvida na Universidade de Memphis, para o português do Brasil. Também o aporte da Linguística Textual nos traz grandes contribuições para a análise da inteligibilidade dos textos lidos pelos alunos desta pesquisa. A interdisciplinaridade, tão comum aos estudos sobre o tema letramento, me permitiu buscar nas bases teóricas na psicolinguística sobre o funcionamento dos processos envolvidos na compreensão de texto.

Os dados, assim, de inteligibilidade do corpus desta pesquisa repousam sobre os aspectos dos textos analisados computacional e manualmente, associados à análise dos possíveis custos de processamento experimentados pelo leitor-universitário da PUC-Rio.

3.2

Complexidades informativa e linguística

Kleiman distingue complexidade informativa, linguística e textual. Tratarei neste item, de forma sucinta, das complexidades de ordem informativa e linguística. O item 3.3 será dedicado à complexidade textual.

O foco para esta seção estará sobre a complexidade linguística lexical e morfossintática, objeto de investigação desta pesquisa. Assim, estudos sobre a relação entre palavras e sentença, frequência de palavras, estruturas sintáticas complexas ou que violam a ordenação canônica dos constituintes nas frases em português serão aqui analisados do ponto de vista do custo de processamento que impõem.

A complexidade informativa é compreendida, segundo Kleiman, a partir do distanciamento que o texto estabelece entre tempo e espaço com relação ao leitor. Um texto discursando sobre a história dos impérios faraônicos do Egito é de complexidade informativa já que existe um distanciamento cultural no tempo e no espaço em relação ao jovem leitor brasileiro, por exemplo.

A seu turno, a complexidade linguística está relacionada ao próprio conhecimento da língua materna. Ao iniciar uma leitura, o leitor ainda não conhece o texto em sua totalidade, ou seja, como uma unidade de sentido. É

necessário que ele proceda à difícil tarefa de compreender as diferentes partes e dimensões do texto para, então, torná-lo uma unidade coesa e coerente. Isto equivale a dizer que ``a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações de motivações`` (Kleiman, 1999, p.10). Sem o todo maior, portanto sem o contexto maior do texto, o esforço para compreender partes menores precisa necessariamente se ancorar no conhecimento prévio do leitor. Depreende-se, assim, que o conceito de contexto não pode ser fixo e pronto, mas requer a noção de ambiente linguístico ``constituído de informações que se modificam ao longo da situação comunicativa``²⁶. Segundo Kleiman (1999, p.13), o conhecimento prévio do leitor pode ser agrupado em três categorias: conhecimento linguístico, conhecimento textual, conhecimento enciclopédico. É pelo uso solidário desses conhecimentos que o leitor transforma a leitura em um processo interativo.

O conhecimento linguístico é aquele internalizado, ou seja, o conhecimento implícito, muitas vezes inconsciente porque sequer pode ser verbalizável. O conhecimento linguístico é o que habilita os falantes a reconhecerem as estruturas e regras de sua língua materna. Já o conhecimento textual, nos diz kleiman, é ``o conjunto de noções e conceitos sobre o texto``. A maior familiaridade do leitor com diferentes gêneros textuais, sua prática de leitura frequente que lhe aprofunde as habilidades de reconhecer as pistas e marcas textuais deixadas pelo escritor. Tudo isso robustece o conhecimento textual do leitor. Haveria ainda um terceiro tipo de conhecimento: o enciclopédico ou conhecimento de mundo. Este é definido pela autora como aquele ``conhecimento adquirido com as experiências pessoais``. Estas categorizações nos remetem ao conceito de complexidade linguística.

A complexidade linguística pode ser averiguada pelo vocabulário, pelas estruturas frasais, e pela organização do texto. Depreende-se maior complexidade linguística em texto cujo vocabulário é pouco frequente e, por conseguinte, diferente do vocabulário empregado pelas pessoas em suas vidas cotidianamente.

²⁶ Coscarelli, 2003, p. 16

Ainda no nível lexical, Coscarelli (2002, p.3) aponta também para as formas canônicas de silabação no português. Sabe-se que o padrão mais comum no português é CV (consoante + vogal) e palavras paroxítonas. Quanto mais a palavra se desviar do padrão, maior esforço requererá para seu processamento, por parte do leitor, sobretudo o pouco proficiente. O que está em jogo aqui, no entanto, não é só o padrão ou o canônico, mas a frequência com que o leitor se depara com determinado item lexical.

Palavras muito comuns na língua, isto é, palavras com as quais se depara a todo momento, mesmo fugindo ao padrão silábico mais comum, não causam muitos problemas de leitura. O contrário também pode acontecer. Palavras mais próximas do padrão, mas que raramente são usadas, podem aumentar o grau de dificuldade da leitura. Isso acontece porque as palavras muito frequentes na língua passam em pouco tempo a ser reconhecidas automaticamente pelo leitor, ao contrário do que acontece com as menos frequentes ou desconhecidas. Ao se deparar com uma palavra desconhecida, o leitor tem de resolver uma série de problemas que vão desde decidir se aquela é uma palavra da sua língua ou se ocorreu ali um erro de digitação, até construir um significado para ela. (Coscarelli, 2002, p.3)

Perfetti (2006, p.6-7) também aponta para o fator frequência da palavra no cotidiano do leitor.

Frequency must be taken into account. Not only is word frequency an important determinant of word processing, but it is specifically implicated in disambiguating processes²⁷.

(...)

This is because a word that is high frequency according to a corpus count may have rather different functional frequency characteristics for skilled and less-skilled readers, who differ substantially by college age in the amount of reading they have done²⁸.

Ainda nos atendo ao fator frequência, a prática de leitura permite que o leitor crie uma expectativa acerca da palavra que virá em seguida a ora em processamento. Ou seja, o leitor antecipa a próxima palavra no texto a partir da

²⁷ A frequência deve ser levada em conta. Não somente a frequência da palavra é um determinante importante no processamento da palavra, mas ela também está especialmente implicada nos processos de desambiguação.

²⁸ Isso ocorre porque uma palavra que é de alta frequência em um dado corpus pode ter características funcionais de frequência bastante diferentes para leitores proficientes e não proficientes, os quais diferem substancialmente, nos anos escolares, pelo volume de leitura que fizeram. (Traduções da Autora, doravante TA)

palavra que está lendo. Desta forma, nos ilustra Coscarelli (2002, p.4), espera-se um substantivo após um artigo: 1) O respeitosa mente foi usado como sinal de...; 2) Ele a cumprimentou respeitosa mente. Nestes exemplos, o exemplo (1) é de maior grau de dificuldade, pois que compromete a inteligibilidade do esperado. Quando a expectativa do leitor é quebrada, sobrepõe-se maior demanda de processamento cognitivo já que o antecipado ou previsível não se confirmou.

A ambiguidade lexical é outro fator dificultador do processamento, como bem alude Coscarelli. Por exemplo, na frase - João foi roubado enquanto aguardava no banco. ``Banco`` pode referir-se à instituição financeira ou ao assento. O leitor precisa de pistas contextuais para dirimir a ambiguidade. O tempo de leitura se estende até que o leitor decida qual o sentido que deve ser atribuído à palavra banco naquele dado contexto.

Vimos também que as dificuldades de processamento podem ser de ordem sintática. Entendendo por processamento, como visto anteriormente, ``aquela atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas, são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes da frase``. Kleiman aponta que estruturas sintáticas podem representar complexidades linguísticas. Neste caso, construções raras ou pouco frequentes na linguagem coloquial, tanto quanto as ambíguas importam maior complexidade linguística em textos com:

- Inversões: Que ele havia comprado o carro eu sabia`` é mais difícil de processar do que ``Eu sabia que ele havia comprado o carro;
- Elipses: Paulo vai conosco ao leilão? (Ø Vai Ø.²⁹);
- orações intercaladas: Meu pai, [que raras rugas apresentava na face e que tinha lucidez suficiente para detalhar sua vida de marinheiro e de tocador de violão], morreu subitamente;
- referência pronominal: O médico foi franco e direto com o paciente. Isto o fez pensar que a vida é meio sem sentido. (Isto o quê?);
- orações relativas de objeto que geram ambiguidade sintática: O ladrão atirou na empregada da atriz que estava na varanda. (Quem estava na varanda?);

²⁹ Koch, 2012, p.21

- frases labirinto (garden path): Vendem-se meias para senhoras pretas e baratas;³⁰
- construções ambíguas: Quanto ao fato concreto, é duvidoso o relatório que o tenha omitido. (O relatório omitiu o fato ou o possui na forma omitida?)
- sujeito com verbo descontínuo: Um dos maiores fatores de aumento na demanda cognitiva quando do ato de leitura é que os textos são muitas vezes difíceis. (A distância entre o núcleo do sujeito e o verbo aumenta a dificuldade de processamento já que o leitor ``deverá decidir com base no seu conhecimento da língua como será o agrupamento e segmentação de elementos descontínuos, discretos do texto``³¹)

Com efeito, os fatiamentos precisam ocorrer de forma a não sobrecarregarem a memória de trabalho. Aqui entendemos memória de trabalho como a responsável por analisar as informações que chegam constantemente ao cérebro, comparando-as com os conhecimentos já existentes nas demais memórias, declarativas³² e processuais³³, de curta e longa duração. Kleiman (1989, p.15-16) sustenta que ao longo do processamento, a memória de trabalho ou memória imediata tem papel preponderante como depósito para o armazenamento temporário dessas unidades. Em uma visão muito simplista, nos diz a referida autora, entende-se que essas unidades

vão entrando (...) porém, a memória imediata não faz nenhuma discriminação em relação ao tipo de unidade que é armazenada, contanto que sejam unidades significativas (...) a memória imediata caracteriza-se por ter uma capacidade limitada (...) e logo deve ser esvaziada para a entrada de outros elementos, caso contrário ficará sobrecarregada (...) uma vez que a memória é esvaziada para que outras unidades entrem, se não conseguirmos reconhecer o material como unidade significativa ele será imediatamente esquecido. Mas, se o material for significativo, ele passa a receber a ação de um outro tipo de memória, cuja capacidade não é limitada: memória profunda ou memória a longo prazo, onde ficaria organizado todo o nosso conhecimento: o conhecimento da língua, nossas experiências, nossas convicções, nossos hábitos, etc.

³⁰ Coscarelli, 2002, p.7

³¹ Kleiman, 1999, p.15

³² Divide-se em memória declarativa semântica (guarda informações de natureza linguística) e memória declarativa episódica (guarda fatos, eventos que vivenciamos)

³³ Ligada ao saber fazer, ao como fazer.

De fato, há consenso que, quanto à função, a memória de trabalho, também denominada memória on-line, opera com baixa capacidade retentiva no instante em que a informação chega à mente. Castro (2007) explana que

Ao entrar em contato com novos dados, a memória de trabalho consulta a memória de curto e longo prazo para verificar se esses são novos e relevantes. Conforme reitera Izquierdo (2002, p. 52), “a memória de curta duração depende do prévio processamento das informações pela memória de trabalho, assim como a memória de longa duração”.

Do exposto, depreende-se que memória de trabalho e conhecimento prévio se ajudam mutuamente. Liberato & Fulgêncio (op.cit, p.21-22) chegam mesmo a afirmar que a memorização de uma unidade fica mais fácil quando ela se torna um item significativo. As autoras exemplificam com sete letras aleatórias que somos capazes de repetir: I A L T R E U

No entanto, quando se agrupam essas letras, como em: L E I T U R A,

a memorização fica muito mais fácil, e podemos repetir uma sequência de bem mais de sete letras, como na palavra “legibilidade”. Isso acontece porque as letras, agrupadas em palavras, passam a compor uma unidade, uma vez que formam um elemento significativo. Com isso, passam a constituir um único item presente na MCP³⁴. (grifo no original)

Kleiman (1989, p.16) acrescenta que a partir da recombinação das letras, se elas fazem sentido, ou seja,

são reconhecidas como uma palavra da língua, então o armazenamento de mais outras cinco, seis, sete unidades é possível (...) se as palavras são reconhecíveis como outro tipo de unidades, por exemplo, como uma frase, conseguiremos ampliar novamente essa capacidade (...) e podemos manter ainda mais material nessa memória. Daí a importância do reconhecimento rápido de expressões e frases na leitura.

Com base em regras e princípios presentes na memória de longo prazo, o leitor busca fatiar as sentenças que lê, comparando o material novo com as informações presentes em seu conhecimento linguístico. Desta comparação resulta sua análise do material lido enquanto estrutura morfossintática presente ou não em sua língua, garantindo-lhe a orientação para os fatiamentos do que ele leu

³⁴ Memória de curto prazo, entendida pelas autoras como memória de trabalho.

no esqueleto sintático das sentenças, agrupando e encaixando palavras em sintagmas.

3.3

Dificultadores e facilitadores no nível semântico-pragmático

Vimos no item 3.2 o que Kleiman considera por complexidade informativa e linguística. Neste item, tratarei da complexidade textual. Podemos averiguar a terceira complexidade estudada por Kleiman - a complexidade textual - no nível da organização pragmática do texto. Kleiman nos diz que, neste caso, o que importa observar é o uso de recursos como simbologias, metáforas, comparações, quebra da sequência (no caso da narrativa). Muitas vezes o autor pode romper com a forma padrão e lançar mão de um uso inusitado do sentido de uma palavra ou de uma frase, ou lançar mão de expressões idiomáticas típicas de uma região ou grupo social. Como aduz Coscarelli (2002, p.11):

Na construção do significado das sentenças o leitor conta com o que é padrão semanticamente, isto é, ele sempre espera que as sentenças tenham o sentido previsto ou próximo do previsível. Por isso, frases inusitadas podem causar problemas para o leitor.

De novo podemos relativizar a dificuldade suscitada pelo inusitado, tal como no exemplo abaixo.

Vou fazer uma comparação lá em casa.

Para um carioca atento, por exemplo, essa frase pode remetê-lo a representação mental de alguém comparando coisas ou pessoas dentro de casa. Porém, se colocada em seu devido contexto, a frase pode agora elevar o grau de dificuldade da coerência local e, por conseguinte, diminuir o seu nível de inteligibilidade. Vejamos:

Amanhã quando eu acordar, vou tomar café, lavar a louça e fazer uma comparação lá em casa³⁵. A casa está imunda.

Ainda que proficiente, o leitor carioca teria dificuldade em compreender esse parágrafo. A expressão idiomática tão bem compreendida por um pernambucano irrompe-se como problema para um carioca dado o sentido inusitado da expressão fazer uma comparação.

Pelo exposto, chegamos à conclusão de que a compreensão leitora não pode ser entendida somente como o uso estratégico de operações cognitivas para construir sentidos do texto a partir da superficialidade do escrito. Os aspectos formais do texto precisam ser integrados ao funcionamento global da linguagem, no qual as co-relações se estabelecem no texto oral. As atividades conscientes e organizadas, as estratégias cognitivas usadas comumente nas interações sociais, são também utilizadas na compreensão do texto escrito.

É bem verdade que leitores pouco proficientes podem apresentar uma imaturidade na seleção de informações relevantes e não relevantes em um texto escrito, sem que necessariamente ele tenha a mesma imaturidade diante de comunicações discursivas orais. Como salientamos acima, é importante a prática da leitura para que níveis de processamento mais elementares sejam automatizados. Contudo, não raras vezes o problema está no texto, que ``não fornece claramente ao leitor essas indicações de hierarquia das informações, dificultando a construção da coerência temática.`` (Coscarelli, 2002, p.15)

Veremos no próximo capítulo algumas bases teóricas que discutem os fatores que interferem na compreensão do texto tomando, para isso, o conceito de inteligibilidade do ponto de vista dos fatores no leitor que propiciam a maior ou menor dificuldade de processamento e, por conseguinte, de construção de sentidos do texto escrito.

³⁵ Arrumar a casa